

## **Diário de Campo: uma experiência educomunicativa em escolas rurais<sup>1</sup>**

Bruna Regina Maciel RIBEIRO<sup>2</sup>

Jessica Alana MELO<sup>3</sup>

Benedito Dielcio MOREIRA<sup>4</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

### **RESUMO**

As novas tecnologias da informação e comunicação, como o celular, fazem parte da vida das pessoas, principalmente dos jovens. Diante desta constatação, é possível pensar em metodologias que possam colocar estes equipamentos a serviço do aprendizado. Dessa forma, o presente trabalho traz as anotações de diários de campo como forma de contar as experiências vividas no projeto “Educomunicação, Ciência e Outros Saberes: um estudo do trabalho colaborativo em narrativas transmídias”, realizado pela UFMT. O objetivo do projeto é o de compartilhar conhecimentos e habilidades com alunos e professores de escolas urbanas e do campo de Mato Grosso, e produzir conteúdos escolares em textos, imagens, vídeos e áudios, de modo que eles possam ser construídos de forma colaborativa e depois compartilhados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educomunicação; Jovens; Celular; Diário de Campo; Escolas Rurais.

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho nasce no projeto de intervenção e pesquisa denominado “Educomunicação, Ciências e Outros Saberes: Um estudo colaborativo em narrativas transmídias”, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), cuja discussão está centrada na utilização das tecnologias digitais, a exemplo do aparelho celular, como aliadas no processo de educação dos estudantes.

O projeto Educomunicação está sendo desenvolvido em sete escolas públicas do Mato Grosso, sendo três urbanas e quatro em áreas rurais, situadas em municípios do entorno de Cuiabá. Com a proposta de compartilhar com estudantes e professores técnicas de uso do aparelho celular para a produção de conteúdos midiáticos relacionados com as

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no IJ 06 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 19 a 21 de maio de 2016

<sup>2</sup> Brunna Regina Maciel Ribeiro. Estudantes do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo 4º Semestre da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: brunamaciel81@gmail.com

<sup>3</sup>Jessica Alana Melo. Estudantes do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Radialismo 4º Semestre da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: jes29me@gmail.com

<sup>4</sup>Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), coordenador do Projeto “Educomunicação, Ciências e Outros Saberes: Um estudo colaborativo em narrativas transmídias” e orientador do trabalho. E-mail: dielcio@hotmail.com

atividades escolares e os saberes populares, a equipe do projeto permaneceu no segundo semestre de 2015 quatro meses em atividades de campo.

Até o encerramento da primeira parte da fase piloto do projeto, em dezembro de 2015, foram produzidos quase uma centena de vídeos, áudios, inúmeras fotos e sete jornais, tudo feito pelos alunos. Os produtos foram apresentados a toda comunidade escolar em eventos marcados para esta finalidade.

Para registrar os acontecimentos ocorridos ao longo do projeto, documentar achados que poderiam ser relevantes e não perder detalhes significativos, utilizamos como prática a construção de um diário de campo. Deste modo, compreendemos a importância do diário de campo para a pesquisa, pois trata-se de uma documentação fundamental para a aquisição e análise de informações. Portanto, este texto discute a experiência de campo vivenciada sobretudo em duas escolas do campo<sup>5</sup>. Organizado em três partes, primeiro discutimos a juventude e o mundo digital, depois educomunicação e escolas rurais e, em seguida, apresentamos alguns registros de nossos diários de campo.

## JUVENTUDE E O MUNDO DIGITAL

Atualmente, com o advento de celulares *smartphones* e através do acesso à internet é possível enviar e receber uma mensagem em poucos segundos, produzir e compartilhar seu próprio conteúdo em forma de fotos, vídeos ou textos, ou até mesmo pagar contas pelos aplicativos bancários.

Os smartphones, com suas inúmeras funções, e a internet fazem parte das NTIC (Novas Tecnologias da Informação e Comunicação), que “podem ser definidas como a junção de técnicas, métodos e equipamentos para processar e divulgar informações” (VELOSO, 2014, p.4). E vão muito além disso. O surgimento e evolução dessas técnicas modificaram e ainda modificam a forma como as pessoas vivem e se relacionam, transformando os diferentes segmentos da sociedade: “(...) a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos” (JENKINS, 2008, p. 27-28).

A tecnologia é uma das principais responsáveis pelas transformações ocorridas na história da humanidade, pois ela possibilita novas formas de comunicação e está presente

---

<sup>5</sup> Os nomes das escolas bem como as localidades onde estão instaladas estão neste texto preservadas. Citamos uma das escolas como Primeira Escola e a outra como Segunda Escola. Esta ordem tem relação com o início das atividades.

em todas as esferas da sociedade, impondo novos padrões que modificam o ambiente e, conseqüentemente, o ser humano. Segundo Targino (1995), a história da humanidade e as evoluções tecnológicas caminham juntas: o avanço científico e tecnológico tem sempre a sociedade como referente. Há uma sintonia entre a evolução histórica das civilizações e a mentalidade sociocultural e científica.

As tecnologias de informação e comunicação alteram o modo de pensar das pessoas e não apenas a forma como a informação e a comunicação são produzidas e difundidas, principalmente quando falamos de jovens que já nasceram cercados por essas tecnologias digitais. Habitado desde pequeno a interagir, explorar, construir e desconstruir mundos virtuais, o jovem cresce em uma sociedade rodeada de tecnologias, como o smartphone e o computador, que não são somente meros instrumentos facilitadores. Essas tecnologias fazem parte do cotidiano dos jovens, representam para onde eles olham e o uso que delas é feito.

Nesses processos de transformações midiáticas é quase impossível encontrar um adolescente sem um telefone celular, inclusive nas áreas rurais em que atuamos. Para muitos destes jovens o celular é uma ferramenta de produção de conteúdo multimídia, pois com este dispositivo eles se transformam em produtores e distribuidores de conteúdo. Hoje, em um só aparelho, pode-se acessar a internet, verificar e-mails, fazer download de músicas, vídeos e filmes, fotografar, assistir programa de televisão, ouvir emissora de rádio, além de produzir e armazenar conteúdos, e compartilhar tudo isso com os amigos virtuais.

Com o surgimento das NTIC ocorreram mudanças em todas as áreas sociais, inclusive na educação. Os meios de comunicação sempre estiveram presentes na vida dos jovens, contribuindo na formação científica e cultural, na construção de ideologias e no consumo cultural. Os jovens, que desde cedo aprendem a manipular essas técnicas, as utilizam tanto na obtenção de conhecimento quanto na construção de novas ideias. Essa geração não é apenas receptora de informações e consumidora dos acontecimentos, ela anseia por produzir e alterar, por poder se expressar e criticar, e também por compartilhar seus desejos e pensamentos.

Com o celular é possível viajar o mundo das informações e, até mesmo, o mundo científico. A tecnologia exerce um fascínio para o jovem que está sempre em busca de alguma novidade no mundo virtual. Conforme Moreira (2008), a habilidade e a confiança com que os jovens manipulam as tecnologias digitais, navegando por inúmeros sites e

aplicativos ao mesmo tempo, não torna mais utópica à ideia de “aceitar o inaudível e o invisível como horizontes tocáveis”.

Por meio do compartilhamento de conteúdo, através do sistema global de redes de computadores, a Internet, os jovens e as crianças nascidos na era digital enxergam o mundo sem limitações de fronteiras e sem barreiras linguísticas. Esses jovens, por conviverem com pessoas e conteúdos do mundo todo, tem facilidade em aceitar a diversidade e coisas novas, são muito curiosos, críticos e contestadores. Esta nova condição requer métodos de ensino inovadores. O modelo atual precisa de adaptações para não perder eficiência diante dessa juventude acostumada com a interatividade e a instantaneidade dos meios tecnológicos.

Quando pensamos em educação, logo nos vem à cabeça uma série de regras e técnicas de ensino já postas e pouco contestadas. Na escola primeiro se ensina a teoria e depois, ou nem sempre, se ensina a prática. Dessa forma os estudantes de hoje têm dificuldade em enxergar a importância dos conteúdos ensinados em sala de aula, pois eles estão acostumados a interagir com os conteúdos via *web* e a vivenciarem as experiências na prática, seja ela real ou virtual.

As instituições escolares já enxergam a importância das tecnologias, porém ainda encontram dificuldades para desenvolver projetos pedagógicos capazes de relacionar conteúdos e práticas midiáticas com os conteúdos escolares. Projetos de educomunicação podem auxiliar as escolas a solucionarem os problemas de falta de interesse por parte dos alunos e de dispersão ou até mesmo de evasão escolar.

O projeto Educomunicação, Ciência e Outros Saberes busca ser uma proposta capaz de intervir e minimizar esses problemas. O intuito é o de unir alunos, professores, gestores e comunidade na busca e construção do conhecimento científico, unindo os saberes populares e ainda dando destaque às artes e à cultura das regiões onde está sendo realizado o projeto. Conforme entende Pimentel, projetos que unem educação e comunicação podem levar a soluções inovadoras:

A relação entre os campos da Comunicação e Educação, por exemplo, desperta alternativas para as práticas de ensino inovadoras, promovendo diversidade e expectativas de mudança social. Na ótica de Paulo Freire, o ato de educar é um ato de comunicação, processo que configura o movimento entre as vontades de ensinar e aprender. A educação pela comunicação volta-se para a formação de sujeitos críticos e autônomos, em espaços de educação formal ou não-formal, refletindo sobre a potencialidade dos meios de comunicação na educação e o uso de recursos midiáticos na aprendizagem, configurando o campo da educomunicação. (PIMENTEL, 2015).

Há um elo constante entre a comunicação e a educação, pois elas estão internamente ligadas. Na era da informação, o conhecimento se torna o principal fator de desenvolvimento da sociedade, e ele se dá por meio da comunicação. Hoje, com a tecnologia disponível é possível acessar e transmitir informações a qualquer hora, de qualquer lugar, e interagir com os outros detentores de conhecimentos ao redor do planeta. Para Pierre Lévy (2004), a interatividade é um fator bastante favorável ao aprendizado. Ele diz que a Internet se adequa ao uso educativo, pois quanto mais ativo e participativo for o aluno, maiores serão as suas chances de absorver aquilo que aprendeu.

### **EDUCOMUNICAÇÃO E ESCOLAS RURAIS**

A educação, desde o século passado, é desafiada pelas mudanças que as mídias provocam na vida dos jovens. O aumento do consumo cultural pelos meios de comunicação de massa como a televisão e o cinema, em décadas passadas, e mais recentemente as novas tecnologias da comunicação e informação, tem causado profundas mudanças na sociedade e, principalmente, na vida dos jovens. Tais mudanças afetam o campo da educação, o que traz para as escolas questões novas, especialmente como se adequar a essas mudanças.

Por Educomunicação entende-se um conjunto articulado de iniciativas voltadas a facilitar o diálogo social, por meio do uso consciente de tecnologias da informação (SOARES, 2011). Paulo Freire acreditava que “a comunicação já podia ser vista como componente do processo educativo, porém a mediação tecnológica no contexto educacional funciona apenas como uma de suas áreas de intervenção” (SANTOS, 2012). Portanto, a educomunicação não se trata apenas do uso das NTIC no ambiente escolar, mas sim de um processo pelo qual educação e comunicação atuam juntas no processo de formação e de desenvolvimento da autonomia do estudante.

A aceitação do uso dos celulares em sala de aula é um assunto polêmico, o que torna toda proposta de intervenção complexa. Para muitos é difícil entender o papel da tecnologia no processo de aprendizagem dos jovens estudantes, visto que o celular é, por vezes, considerado apenas como um mero instrumento de entretenimento que distraem os alunos e atrapalham as aulas.

Entretanto, os aparelhos celulares, por serem ubíquos, se tornaram a tecnologia mais utilizada da história da humanidade. Eles estão presentes em lugares onde o acesso à educação e à informação é escasso. Estima-se que seis bilhões de pessoas já possuem um aparelho móvel em funcionamento no planeta, segundo a Organização das Nações Unidas

para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). No Brasil, o número de aparelhos celulares é superior ao número de habitantes. Os aparelhos móveis também se fazem presentes na área rural. Mesmo que o acesso às redes 3G e 4G seja limitado, é difícil encontrar um jovem que não esteja familiarizado com as tecnologias da informação e comunicação.

Muitos dos estudantes que participam do projeto possuem o aparelho *smartphone*. Durante nossas conversas, diziam que sempre davam um “jeitinho” de conseguir acesso à internet, e quando não conseguiam encontravam outros meios de compartilhar o conteúdo, mas sempre usando o celular. Em décadas anteriores era raro o acesso aos meios de comunicação no ambiente rural, tanto pela indisponibilidade das tecnologias em regiões afastadas, quanto pela falta de recursos por parte da população rural. Embora nas regiões em que atuamos seja visível a precariedade do sinal da internet, isto não se tornou um problema para o desenvolvimento do projeto, mesmo porque encontramos alunos totalmente familiarizados com estes dispositivos.

A população rural sempre viveu em circunstâncias de lutas e movimentos para conquistarem seus direitos, pois o campo nem sempre é considerado nas políticas públicas de desenvolvimento e recebe poucos investimentos educacionais. Isso pôde ser constatado nas comunidades em que atuamos. Em uma das escolas, por exemplo, muitos professores disseram nas entrevistas que as salas de aula da escola não possuem “tamanho padrão” e que a escola não recebe investimento suficiente para realizar uma reforma. A quantidade de *megabits* da internet na escola também não era suficiente para a quantidade de alunos, restringindo o acesso apenas à sala de informática.

Assim como propõe a educomunicação, ou seja, auxiliar no processo de formação dos alunos e de toda a comunidade em torno da escola, levando em consideração os saberes culturais da comunidade, a educação do campo busca trabalhar com base na realidade da população rural. Durante a realização do projeto, percebemos que os alunos tinham preferência em produzir vídeos com temas referentes à cultura da região, e se mostraram bastante entusiasmados quando souberam que iriam compartilhar suas produções com estudantes de outras cidades. O ensino no campo busca inserir os saberes da comunidade campesina, como histórias, lendas e festas populares, como meio de reafirmação da identidade para que não se perca a cultura local.

(...) a educação campesina deve ser considerada no e do campo, considerando sua realidade sociocultural e ambiental, por isso, está ênfase de uma educação no

campo, através da qual o povo campesino tem direito a ser educado no lugar onde vive para nele produzir e permanecer. Perspectiva reforçada com a concepção de uma educação do campo, pois seus moradores têm direito a uma educação projetada para atender as demandas desta realidade fundada na sua participação, vinculando a história, as vivências culturais e necessidades humanas e sociais dos campesinos. (CALDART, apud PIMENTEL, 2015).

## **MÉTODO DIÁRIO DE CAMPO**

O objetivo principal aqui é discutir as observações registradas em nossos diários de campo, cujas anotações ocorreram durante o segundo semestre de 2015. As anotações foram feitas em todas as visitas às escolas, o que aconteceu semanalmente. Foram registradas as rotinas de trabalho, tais como conversas, perguntas, gestos, comportamentos, dificuldades e opiniões de alunos e professores sobre o desenvolvimento das etapas do projeto. Os relatos inseridos nesse texto formam uma síntese do processo de anotação das atividades de campo.

Segundo Beaud e Weber (1998), o diário é aquele instrumento em que se anotam, dia após dia, com estilo telegráfico, os eventos da observação e a progressão da pesquisa. Isso é necessário para assegurar a imagem da realidade e descrever os acontecimentos com o máximo de detalhamento, incluindo aspectos do local, pessoas, ações e conversas. Sendo assim, o diário de campo é um método em que se busca documentar o desenvolvimento do projeto em todas as suas nuances, desde a recepção na escola, o desenvolvimento das atividades, o relacionamento com alunos e professores e os resultados obtidos.

## **NARRATIVA E RESULTADOS: PRIMEIRA ESCOLA**

Esta Primeira Escola do campo é de característica simples, com oito salas, sendo uma delas a sala de informática. Possui o Ensino fundamental, médio e Educação de Jovens e Adultos (Supletivo). Encontra-se localizada a uma distância de aproximadamente 90 km da capital de Mato Grosso, Cuiabá. Próxima a uma das rodovias mais movimentadas do Estado, os alunos correm inúmeros riscos, pois a rodovia não tem nenhuma sinalização para facilitar a passagem de pedestres.

Ao chegar à escola, todos aguardavam ansiosamente a apresentação do projeto. Os alunos já tinham uma noção de como o projeto funcionaria, pelo fato de já participarem do curso de Rádio Novela e Teoria do Jornalismo, ministrado pela professora de português, responsável pela carga horária de educomunicação na escola.

Em uma das atividades de quebra-gelo que realizamos, os jovens deveriam entrevistar uns aos outros. Uma das alunas escolheu uma integrante de nossa equipe para



ser entrevistada e uma das perguntas feitas foi: “*Eu quero ser jornalista e gostaria de saber de você que é estudante de jornalismo, quais são as expectativas para eu me tornar uma?*”. Receber essa pergunta no primeiro dia de contato com os jovens foi uma surpresa muito boa para todos nós. A resposta à estudante foi que ela já possuía iniciativa, pois era bastante comunicativa e curiosa, e que precisava ler muito, pois o jornalismo é um campo no qual se aprende muitas coisas diferentes a cada dia.

Em uma das entrevistas, perguntamos aos alunos o que eles esperavam do projeto e um deles disse que nós “*levamos vida para escola*”, pois como estudantes de escola rural, eles não imaginavam como era a universidade e a nossa presença os encorajavam a querer entrar em uma universidade. Falas e atitudes como estas nos incentivaram ainda mais a continuar com o projeto.

Os alunos estavam muitos ansiosos para o início das oficinas de Áudio, Foto, Vídeo e Redação. Na primeira semana recolhemos informações sobre eles, tais como: e-mail, telefone, as redes sociais que mais utilizam e etc. Com a chegada do projeto, a escola recebeu internet *Wi-Fi*, o que motivou ainda mais os jovens a se dedicarem às atividades. Para a realização das oficinas precisaríamos da utilização de aparatos como o celular. Muitos estudantes tinham e levavam o aparelho *smartphone* para a escola, apesar de o sinal de algumas operadoras de telefonia móvel não funcionar bem na região.

A cada visita à escola éramos bombardeados com mais curiosidades a respeito dos cursos e como era a vivência na universidade. Com o passar do tempo, conseguimos criar laços de amizade e confiança com os alunos que começaram a nos apresentar alguns problemas enfrentados pela escola, como a falta de aula e de professores. O Projeto Educomunicação, Ciência e Outros Saberes parecia ser para eles um divisor de águas, pois poderia transformar a relação em sala de aula.

A primeira oficina foi de fotografia. Os estudantes mostraram empenho em aprender sobre as cores, enquadramento, ângulos e como tirar a melhor foto. Foram passadas aos alunos atividades para serem feitas sem a presença da equipe da UFMT. A qualidade do material recolhido nos surpreendeu. Notamos que o interesse dos alunos aumentava cada vez mais. Os estudantes, também como atividade proposta, produziram as fotos que foram para o jornal da escola, outra oficina do projeto.

Na segunda oficina, a de jornalismo, de redação, os jovens ficaram um pouco receosos pelo fato de não conseguirem produzir os textos. Alguns alunos ficaram acanhados e disseram que saíam do projeto, pois não sabiam escrever bem. A dificuldade e a timidez



eram circunstâncias com as quais tivemos que lidar. Após muita conversa e auxílio, eles ficaram mais confiantes e, aos poucos, mostraram talento para a escrita. Neste processo, o papel dos professores foi determinante. Os próprios alunos definiram a pauta do jornal, o nome da publicação e as matérias que cada um faria. Desta reunião de pauta e de responsabilidades, muitos alunos saíram empolgados, pois possuíam autonomia sobre o que estavam produzindo. Alguns, no entanto, continuavam receosos, temerosos do insucesso.

Na oficina de áudio aconteceu algo interessante. Pedimos aos alunos que captassem os sons que ouviam ao redor da escola. Eles voltaram com materiais que se assemelhavam a programas de rádio. Isso foi algo muito bom e produtivo, pois eles seguiram todos os passos que foram dados na oficina e produziram algo além do que lhes foi proposto. Nesse dia os professores estavam presentes. Entendemos que quando os professores participam das oficinas junto com os alunos, todos se sentem mais motivados e se envolvem mais com as atividades.

## **SEGUNDA ESCOLA**

A segunda escola fica em uma comunidade rural localizada a 100 km do município de Cuiabá. Quando chegamos à escola, utilizamos o mesmo esquema que adotamos na escola anterior. Primeiro fizemos uma apresentação do projeto com todos os alunos e, depois, para minimizar a tensão de uma primeira visita, conversamos melhor com cada turma e realizamos brincadeiras de quebra-gelo.

Ao contrário da escola anterior, os alunos tiveram bastante dificuldade para entender como funcionaria o projeto. Apesar disso, a conversa foi produtiva, pois foi possível entender um pouco da realidade deles.

Na região e, principalmente, dentro da escola, o acesso à internet é difícil e só metade dos alunos possuem celular do tipo *smartphone* (ou “digital” como eles chamam), e com acesso limitado a internet. Na escola não tem sinal 3G de nenhuma operadora. Por conta disso, pensamos que seria complicado realizar o projeto ali, mas isso não foi um problema.

Mesmo sem celular, sem internet e sem entender inicialmente direito do que se tratava o projeto, eles se mostraram bem empolgados. Foi preciso adaptar algumas coisas, pois a quantidade de alunos era muito grande para nossa equipe, e pelo menos metade deles não possuía *smartphone* e/ou aparelho com internet.

A primeira oficina realizada foi a de Áudio. Quase 100 alunos participaram. Pedimos a eles que fizessem duplas ou trios para a divisão do aparelho celular. Essa estratégia foi utilizada em todas as outras oficinas. Não houve problemas quanto ao compartilhamento de dispositivos móveis, pois os alunos são muito unidos e nós da equipe também compartilhamos nossos aparelhos com eles.

Na oficina de Jornalismo, os alunos tiveram muita dificuldade na produção dos textos, então foi preciso dar uma atenção maior aos estudantes que estavam produzindo o jornal. Eles também produziram as fotos das matérias que foram publicadas. A comunidade onde se localiza a escola possui um linguajar típico e nós procuramos não interferir nessa característica, pelo contrário, buscamos incentivá-los a mostrar sua cultura por meio das produções.

A oficina de vídeo foi a que chamou mais a atenção dos alunos, pois eles se interessaram muito quando começaram a produzir os próprios vídeos e muitos confessaram que teriam prestado mais atenção nas oficinas se soubessem o quão importante era aprender as técnicas para ter um resultado melhor no final.

Primeiramente, fazíamos vídeos-fotos, produzíamos o texto (ou roteiro) para a narração e tirávamos as fotos. Após era feita a edição. Como nem todos os alunos possuíam celular, dividimos as tarefas: todos criavam o texto, todos tiravam as fotos, mas somente um de cada vez montava o vídeo no aplicativo de edição e os outros acompanhavam o que era feito.

Durante uma oficina de vídeo aconteceu um fato que nos chamou a atenção. Nós, da equipe, pedimos aos alunos que baixassem o aplicativo de edição, mas nem todos conseguiram por conta das dificuldades de acesso à internet. Então os próprios alunos encontraram a solução: eles passaram o aplicativo para os outros celulares via *bluetooth*. Ficamos surpresos, porque mesmo no campo, afastados da cidade, os jovens possuem grande desenvoltura com celulares e computadores.

Quanto ao tema dos vídeos pudemos perceber que os alunos preferem produzir vídeos sobre algo que faz parte da sua realidade e sua cultura. Foram feitos vídeos sobre plantas, comidas, objetos e linguagens típicas da região. Foram abordadas questões sociais, como o problema das drogas e a criminalidade que, segundo os alunos, tem sido algo recorrente na região. E também foram feitos vários vídeos científicos, com temas estudados em sala de aula.

No início foi difícil convencê-los a produzir os vídeos, mas depois que eles começaram a fazer as edições das fotos, eles começaram a gostar da atividade. Como foi dito pelos alunos, acredito que a falta de interesse no início foi devida às atividades práticas terem sido realizadas somente após os alunos receberem a teoria, sendo que poderiam ocorrer simultaneamente, pois isso aumentaria o interesse dos alunos tanto pela parte teórica quanto pela prática. Um ponto a ser destacado foi a não participação de alguns professores. Timidez, medo das tecnologias e dificuldades de operar com desenvoltura os dispositivos digitais foram alguns dos problemas que afastaram os professores das oficinas.

O professor é um agente importante no processo educativo e os alunos da escola rural possuem um vínculo maior com os professores, pois ambos fazem parte da mesma comunidade. Alguns professores disseram em entrevistas que não tem afinidade com as novas tecnologias da informação e comunicação. Entretanto, muitos professores ajudaram no processo de construção do conhecimento, incentivando os alunos e se colocando à disposição para auxiliar. Em dezembro, fizemos um evento de encerramento, no qual foram exibidas aos pais e integrantes da comunidade as produções dos alunos e distribuído a todos os presentes o jornal produzido pelos alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Consideramos que as novas tecnologias de informação têm grande importância na educação, pois os estudantes se tornam ativos, contribuindo na construção e disseminação do saber científico e cultural da região em que vivem. Também observamos que a participação e incentivo do professor faz com que os alunos se sintam mais motivados e seguros na hora da produção. “O aprendizado é tanto um ato de busca de razão como um processo afetivo que se manifesta no vínculo de proximidade estabelecido com o aprendiz” (MOREIRA; BORGES, 2014).

A presença da equipe da UFMT também provocou muitas expectativas nos alunos. No início do projeto eles não tinham muitas expectativas profissionais e diziam que “entrar numa universidade federal era algo inalcançável”. Com a presença da equipe, eles começaram a considerar essa possibilidade. Ao ver suas produções, perceberam que são capazes de fazer coisas importantes para o próprio processo de aprendizagem.

Nos eventos de encerramento ouvimos depoimentos de toda comunidade escolar. Os pais dos alunos disseram que seus filhos estão mais interessados na escola e que até o comportamento deles em casa mudou: os jovens passaram a entender melhor a importância

dos saberes locais passados pelos mais velhos. Os professores disseram que aumentou o interesse dos alunos pelos conteúdos ensinados em sala de aula e que o relacionamento entre eles melhorou. Os professores que se envolveram com o projeto passaram a buscar outras fontes de saberes para aumentar o seu conhecimento e melhor auxiliar os alunos.

Já os alunos disseram que se tornaram mais críticos e que agora procuram pesquisar mais sobre os assuntos, que suas produções de texto e o relacionamento com os colegas e professores melhoraram. Eles passaram a participar mais, expressando opiniões e sentindo-se mais seguros em fazer isso; a autoestima deles melhorou e eles disseram sentir orgulho de si mesmos, pelo que produziram.

O acolhimento das escolas foi muito bom. Nas primeiras visitas já nos sentimos como membros da escola e da comunidade. Tivemos autonomia para usar todos os recursos e todos das escolas sempre nos trataram com muito respeito e carinho.

Não foi uma tarefa fácil realizar a primeira fase deste projeto, primeiramente por ele ser piloto. Foram muitas dificuldades enfrentadas, desde estradas sem asfalto, pistas interditadas e inúmeras horas de congestionamentos nas rodovias. Por conta disso, o tempo para as oficinas ficou reduzido. Mesmo assim, todos estes desafios tornavam-se pequenos ao observarmos as produções e a empolgação de todos. Isso tudo motivava a equipe como um todo a continuar. Estes jovens se mostraram capazes de assumir uma postura ativa, participando e contribuindo com o processo de ensino/aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

BEAUD, S.; WEBER, F. **Guide de lénquête de terrain**. Paris:La Decouverte, 1998 (Guides Repères).

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na Era da Informática**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2015/03/LEVY-Pierre-1998-Tecnologias-da-Intelig%C3%A2ncia.pdf>>. Acessado em: 20/03/2016.

MOREIRA, B. D.; BORGES, L. A. L. **Aprendizagem para o consumo centrada no que é dado no ver: afeto e atenção**. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/viewFile/5476/3438>> Acessado: 21/03/2016.

MOREIRA, B. D. **Juventudes, Tecnologias E Consumo Midiático: Andanças Virtuais Revelam A Constituição Do Novo.** Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/13122/9583>>. Acessado em 19/03/2016.

PIMENTEL, M. R.; SANTIAGO, Z. M. A. **Educomunicação na Educação do Campo: Interfaces de saberes pedagógicos e experiências docentes.** Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0026-1.pdf>>. Acessado em: 21/03/2016.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma o ensino médio.** São Paulo: Paulinas, 2011.

TARGINO, Maria das Graças. **Novas tecnologias de comunicação: mitos, ritos ou ditos?.** Ciência da Informação, v.24, n. 2, 1995. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/5614-5606-1-PB.pdf>>. Acessado em: 20/03/2016.

VELOSO, I. A.; MOREIRA, B. D. **A Relação dos Adultos/idosos de Zonas Rurais Pantaneiras da Região Mato-Grossense com as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.** Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2014/resumos/R41-0341-1.pdf>>. Acessado em: 20/03/2016.